

Apresentação – nº 65 | Estudos Linguísticos 2022

Percursos morfológicos: contribuições para a pesquisa morfológica no Brasil

Ana Paula Scher¹

Alessandro Boechat de Medeiros²

Este volume 65 dos Cadernos do Instituto de Letras, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reúne 15 artigos dedicados à discussão do componente morfológico da arquitetura da gramática e uma tradução envolvendo o mesmo tema. Todo esse material foi produzido por pesquisadores, alunos e professores de cursos de graduação e de pós-graduação de diferentes instituições brasileiras de ensino superior.

A ideia de sua publicação surgiu por ocasião da organização do XV CELSUL 25. O evento se realizou em Curitiba, de 19 a 21 de outubro de 2022, nas dependências da Universidade Federal do Paraná. Entre as atividades previstas para o congresso, estava o Simpósio intitulado *Morfologia: práticas linguageiras e gramaticais*, organizado por nós e que se propunha a discutir Morfologia sob diferentes perspectivas. O volume da revista conjugaria o material apresentado nas sessões do Simpósio, mas também estaria aberto a submissão de outras propostas pertinentes à área que não tivessem sido apresentadas no evento.

O resultado foi o material que apresentamos agora ao leitor. Trata-se de artigos que discutem variados temas que têm o componente morfológico da gramática como pano de fundo. Nossa opção foi por organizar o volume em duas partes principais. Na primeira delas, reunimos todos os artigos submetidos e que

¹ Professora Livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, doutora pela Universidade Estadual Campinas, Bolsista de Produtividade, nível 2, do CNPq (Processo no. 307481/2020-4), anascher@usp.br, <https://orcid.org/0000-0002-2105-7888>.

² Professor Associado do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, alboechat@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-9925-2643>.

tenham sido apresentados no Simpósio, além daqueles que também se propunham a apresentar resultados de pesquisas originais e mais recentes envolvendo o componente morfológico da arquitetura da gramática. Na segunda parte do volume, vem a tradução do texto clássico de Noam Chomsky, *Remarks on nominalization*.

Em alguns dos trabalhos, os dados relevantes realçam a importância de uma investigação voltada para a interface entre a Morfologia e a Fonologia, a Sintaxe ou a Semântica. Em outros são investigadas algumas propriedades morfológicas da língua brasileira de sinais – LIBRAS – e, em outros ainda, o que fomenta a discussão é a variação, em termos morfológicos, verificada em documentos escritos no Maranhão para diferentes tempos verbais e tipos de orações, questões relacionadas ao acesso lexical em dados do português brasileiro ou mesmo o uso de neologismos e estrangeirismos em português e inglês.

O artigo que inicia essa coleção é intitulado *Uma análise inicial para os hipocorísticos do português brasileiro: morfologia avaliativa, molde prosódico e restrições fonológicas* e tem autoria de César Marangoni Junior, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH/USP. Nesse trabalho, o autor trata das formas hipocorísticas mais comuns utilizadas por falantes do português para 100 antropônimos dessa língua e defende sua sistematicidade gramatical e sua previsibilidade. O trabalho se desenvolve fundamentado pelo quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994 e trabalhos subsequentes) e sugere que as formas hipocorísticas contenham um morfema avaliativo em sua estrutura. O item de vocabulário que realiza esse morfema corresponde a um afixo prosódico cujo conteúdo segmental se realiza na fonologia pós-sintática e é afetado por restrições de ancoragem e de marcação.

Na sequência, vem o artigo *Vogais intervenientes entre raiz e sufixos iniciados por vogal em português brasileiro*, de Luiz Carlos Schwindt professor titular do curso de Letras da UFRGS, Camila Ulrich, professora do curso de Letras da UNIPAMPA, e Nathan Barcellos, graduado em Letras pela UFRGS. Nesse trabalho, os autores investigam palavras derivadas a partir dos sufixos *-al* e *-oso* do português brasileiro, tratando, em particular, daquelas em que ocorre uma vogal entre raiz e sufixo (*racial*, *gracioso*). Por meio da análise quantitativa de

formas substantivas e adjetivas listadas no Dicionário Aurélio Eletrônico, o fenômeno é caracterizado como escasso na língua, podendo revelar bases histórico-lexicais mais do que estruturais.

Maurício Resende, professor adjunto do curso de Letras da UFMG, e Adelaide Silva, professora titular do curso de Letras da UFPR nos apresentam o trabalho intitulado *Putz! Por que as interjeições são diferentes? Problemas formais na Morfologia e na Fonologia*, que se dedica à investigação das propriedades fônicas, estruturais e de significado das interjeições, do ponto de vista da Morfologia Distribuída. Para os autores, em termos fônicos, a visão de “anomalia fonológica” relacionada às interjeições decorre de observações sobre a palavra ortográfica e não, propriamente, sobre sua composição sonora. Os autores defendem que interjeições possuem raízes e que essas raízes podem ser diretamente categorizadas por um núcleo “interjectivo” *i* (como em “oba!”). Esse núcleo garante determinadas propriedades das interjeições, como, principalmente, sua independência sintática. Nos casos em que há interjeições concatenadas a estruturas sintáticas (como em “*tomara que o João seja campeão!*”), os autores propõem que o mesmo núcleo categorizador está presente, mas se solda a camadas mais altas de estruturas sintáticas complexas que incluem a raiz do item relevante.

No artigo seguinte, Carlos Alexandre Gonçalves, professor titular do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, apresenta, para divulgação, o modelo construcionista de análise linguística de Ray Jackendoff e Jenny Audring, Morfologia Relacional. No trabalho intitulado *Da relevância do nó fonologia na morfologia relacional: evidências do português*, o autor discute a relevância do nó FONOLOGIA em processos morfológicos do português, tais como alternância vocálica, mudança de acento como sinalizador de classe e epêntese consonantal entre base e sufixo.

Guilherme Duarte-Borges, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ oferece uma análise preliminar para as estruturas verbais em paumarí (língua indígena da família Arawá, descrita pelos missionários do *Summer Institute of Linguistics*) em seu artigo *Uma proposta de análise para a estrutura verbal em Paumarí: questões preliminares sobre causa e agentividade*. Utilizando o modelo teórico da Morfologia Distribuída, o

autor investiga as sentenças causativas dessa língua realizadas com o prefixo *na-*, bem como com o sufixo *-ha/-a*, nas sentenças intransitivizadas, oferecendo uma classificação para essas estruturas causativas que leva em conta essas unidades morfológicas.

Entre os trabalhos que exploram a interface morfossintático-semântica, o artigo *Perífrase “estar+gerúndio” no português brasileiro e no espanhol de Santiago do Chile: análise dos valores aspectuais e dos contextos sintáticos*, de Thais Araújo, professora de espanhol no IFF (Campus Cabo Frio), trata dos valores aspectuais da perífrase “estar+gerúndio” em duas línguas faladas na América do Sul. Seu foco está no papel da flexão dos auxiliares e dos tipos de verbo na formação dos significados aspectuais dessa perífrase nas línguas em foco. Os resultados de um experimento de interpretação aspectual aplicado a sujeitos falantes das duas línguas, além de sugerirem que a perífrase pode ter os valores de progressivo contínuo, habitual e *perfect* universal, indicam, ainda, que os tipos de verbos distintos podem gerar diferentes significados aspectuais, exceto no caso da flexão dos auxiliares.

A contribuição de Giovana Abranches, mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, e Isabella Pederneira, Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, com o trabalho intitulado *Traços morfossintáticos do item de vocabulário você: explorando a sintaxe e suas interfaces*, fundamentado no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997) procura identificar os contextos de ocorrência de diferentes leituras do item de vocabulário *você* e determinar os traços abstratos presentes em sua composição interna. As autoras exploram duas hipóteses para as duas leituras pertinentes a esse pronome (*você* interlocutor e *você* genérico): o item de vocabulário *você* é subespecificado para pessoa, podendo ser inserido em diferentes nós sem alteração fonológica, e/ou o contexto sintático determina essas leituras.

Ana Paula Scher, professora livre-docente do curso de Letras USP, e Giovana Muras, aluna de graduação em Letras-Linguística da mesma universidade trazem sua contribuição na forma do artigo *As manifestações formais de Gênero Neutro na gramática do Português Brasileiro*, desenvolvido sob o viés da Morfologia Distribuída, que investiga estruturas gramaticais que

expressam o gênero neutro no português brasileiro. Partindo de um *corpus* de dados escritos retirados, principalmente, do *Twitter* e do *Instagram*, as autoras investigam a morfossintaxe de concordância, realizada ou não, nos elementos das sentenças em que se espera essa realização e estendem sua reflexão para a categoria *gênero* como um todo na gramática dos falantes de português brasileiro.

O artigo seguinte, com o título *Nuances semânticas de reversão e negação canônica em formações verbais com o prefixo des-*, de Beatrice Monteiro, professora do curso de Letras da UESPI e doutoranda em Linguística pela FFLCH/USP, tem como tema as diferentes nuances semânticas que o prefixo *des-* pode assumir em formação verbais do português brasileiro sob a ótica da Morfologia Distribuída. O artigo sugere que o prefixo introduz a ideia geral de negação e é a configuração estrutural em que ele ocorre que garante as diferentes nuances semânticas da derivação resultante. Assim, a negação canônica deriva da anexação do prefixo *des-*. Por sua vez, a leitura de reversão a partir da negação do estado resultante do evento decorre da concatenação do prefixo à projeção que denota estado final em uma estrutura de evento complexo (RAMCHAND, 2008).

Remarks on Progressivity and Imperfectivity, de Matheus Alves, doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, e Adriana Martins, professora associada do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, apresenta uma análise qualitativa e quantitativa de dados presentes no *corpus Santa Barbara Corpus of Spoken American English* para a investigação da realização morfológica de marcas de aspecto habitual, continuativo e prospectivo em inglês. Sob a hipótese inicial de que a morfologia de progressivo associada a advérbios realiza mais frequentemente essas noções aspectuais, os autores concluem que, de fato, o advérbio não interfere na morfologia e sugerem que o progressivo pode ser compatível com os traços [+ continuativo] e [+prospectivo], ou com os traços imperfectivos de Cinque (1999), que, quando realizados, expressam o aspecto progressivo.

Os dois artigos seguintes têm a LIBRAS como foco. No primeiro, *O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em libras*, de André Xavier, professor do

curso de Letras da UFPR e de Clovis de Souza, professor do mesmo curso, os autores analisam aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais de empréstimos do português na libras formados a partir de uma ou mais letras do alfabeto manual, por meio do exame de 180 sinais, previamente coletados em pesquisas anteriores. Os resultados sugerem a predominância de sinais monomanuais com uma ou duas letras manuais, de sinais com uma letra do alfabeto manual combinada a outros elementos morfofonológicos, e de nomes comuns do português, em termos fonológicos, morfológicos e lexicais, respectivamente.

No segundo trabalho sobre a libras, *Estudo piloto sobre a incorporação de numeral na Libras usada em Recife-PE e Curitiba-PR*, Rafaela Korossy, professora do curso de Letras Libras da UFPE e mestranda em Letras na UFPR, além de André Xavier, investigam a incorporação de numeral na Libras, um processo morfológico que substitui a configuração de mão de alguns sinais que se referem a tempo, ordem e dinheiro por uma das configurações que são empregadas nos numerais cardinais. Os resultados sugerem que pode haver variação intersujeito ou intra-sujeito tanto no que concerne à incorporação ou não do sinal quanto no que diz respeito ao numeral até o qual a incorporação foi observada na produção de um mesmo sinal.

O tema da variação linguística aparece, também, no artigo intitulado *Variação no uso da morfologia do modo subjuntivo e indicativo em documentos maranhenses escritos no século XIX*, de Wendel dos Santos, professor do curso de Letras da UFMA e Laine Fortes, aluna de iniciação científica do mesmo curso. Com base na variação entre o uso da morfologia de indicativo e de subjuntivo em orações subordinadas substantivas, extraídas do *corpus* relevante, e na observação de que a noção de *subjuntividade* estaria mais atrelada a outros elementos da sentença do que, necessariamente, à forma verbal da oração subordinada (COMRIE, 1976; VERKUL, 1993; 1999), os autores investigam a hipótese de que a utilização da morfologia do indicativo explica o caráter composicional do subjuntivo. Os resultados sugerem que a variação entre indicativo e subjuntivo depende das variáveis verbo e tempo verbal da oração principal e da presença de elementos de negação na sentença.

O trabalho de Bárbara Furtado Farias (UFAC) e Michele Calil dos Santos Alves (UFAC), intitulado *O papel das marcas de gênero no acesso lexical em português brasileiro*, apresenta um estudo psicolinguístico de decisão lexical que busca compreender o processamento de palavras em português do Brasil tendo como alvo as palavras que trazem gênero [+humano]. O experimento conduzido pelas autoras mostra evidências em favor da Hipótese de checagem pós-lexical (BATES et al., 1995), na qual haveria primeiro uma recuperação do gênero abstrato da palavra e depois uma verificação do gênero recuperado a partir de marcas fonológicas ou ortográficas. O teste ainda revelou que as marcas transparentes de gênero facilitam o acesso lexical das palavras que as possuem – quando a comparação é feita com substantivos sem marcas transparentes – em particular a marca de gênero feminino (a vogal temática final -a).

Encerrando a primeira parte do volume, vem o artigo intitulado *Léxico da pandemia na mídia jornalística e redes sociais: uma discussão sobre o uso de neologismos e estrangeirismos em português e inglês*, de Melissa Alves Baffi Bonvino e Ana Luiza Cecato, respectivamente, docente do Departamento de Letras Modernas da UNESP, campus de São José do Rio Preto e aluna de graduação em Bacharelado em Letras – Tradução na mesma universidade. O artigo retoma mudanças lexicais atribuídas ao contexto pós pandêmico de COVID-19 que, em português têm reflexo na criação de novas palavras e na difusão de palavras da língua inglesa utilizadas em textos jornalísticos e em redes sociais. O trabalho discute a utilização desse léxico em textos veiculados nas mídias jornalísticas e sociais tanto do português quanto do inglês, destacando o processo de inovação lexical, que, na visão das autoras tem sua motivação na relação entre léxico, cultura e fatores sociais.

Finalmente, fechamos o volume com a tradução comentada do texto clássico *Remarks on nominalization*, publicado em 1970, por Noam Chomsky, pelas mãos de Maurício Resende e Gabriel Othero, professor do curso de Letras da UFRGS. O artigo original é considerado um dos trabalhos mais importantes da Teoria Gerativa no século XX tanto pela reavaliação da teoria sintática à época quanto pela apresentação da primeira formulação da Teoria X-Barra. Como apontam os tradutores, “especialmente no que diz respeito à Morfologia, este trabalho é considerado clássico pela formulação da “posição lexicalista”,

associada à justificativa para a criação de um *léxico gerativo* – um módulo responsável pela geração e computação da morfologia derivacional na arquitetura da Gramática.”

Como se pode ver das breves resenhas acima, o volume traz uma grande diversidade de trabalhos, com objetos de investigação variados e múltiplas perspectivas teóricas. Nós, que organizamos o volume, esperamos que os pesquisadores da nossa grande área – em particular, obviamente, aqueles que trabalham com morfologia – aqui encontrem fontes relevantes para suas pesquisas ou inspiração para investigações futuras.